



ORIENTE HAGIOGRÁFICO

Isabel Pinto*

Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade
de Lisboa

vilhalpandos@hotmail.com

RESUMO: O teatro nos colégios jesuítas, entre a sua chegada a Portugal (1542) e a sua expulsão (1759), é matéria pedagógica privilegiada. Era aos alunos que cabia o desempenho da representação, enquanto os professores se encarregavam da escrita de originais, acomodados a diferentes ocasiões festivas e a figuras de relevo no universo hagiográfico. Uma delas é S. Francisco Xavier, cuja vida dedicada à evangelização logra ser motivo de, pelo menos, dois espectáculos no século dezassete. Os folhetos que os documentam não contêm as falas das personagens, ou seja, a enunciação, mas, por meio de uma descrição relativamente pormenorizada num dos casos e de sinopses das cenas no outro, constituem memória de um teatro móvel, cuja exuberância e aparato atraíam multidões às ruas de Lisboa.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro Jesuíta – S. Francisco Xavier – Século dezassete

ABSTRACT: Theatre was an important field of study at the Jesuit colleges, from their arrival in Portugal (1542) until their expulsion (1759). The students were in charge of the acting and the teachers were occupied writing originals for different celebrations, depicting the lives of holy people. Therefore, the evangelic activity of S. Francisco Xavier was the topic for, at least, two spectacles, during the 17th century. The pamphlets related to these events do not contain the speech of the characters but through a more or less detailed description in one case and the synopsis of the scenes in the other, it is possible to obtain a memory of a theatre that crossed all the main streets of Lisbon and whose sumptuousness attracted a great amount of people.

KEYWORDS: Jesuit theatre – S. Francisco Xavier – 17th century

De 1542 a 1593 a companhia de Jesus residiu, em Lisboa, no Mosteiro de Santo Antão de Benespera (Santo Antão-o-velho, perto do Convento da Anunciada). Na verdade, em 05 de Janeiro de 1542 o padre Simão Roiz tomou posse do dito mosteiro em representação da companhia, que aí havia de permanecer até 8 de Novembro de 1593, data em que passou para o colégio de Santo Antão-o-novo que o Cardeal Dom

* Investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Henrique havia mandado construir (a aceitação data de 1567) junto ao Mosteiro de Sant'Ana.¹

A companhia de Jesus funda, com o decorrer dos anos, uma rede de escolas públicas, com vários colégios por todo o país (Lisboa, Coimbra, Évora, Portimão, Funchal, etc.). Em 1599 é aprovado o plano de estudos oficial para todos os colégios, o *Ratio Studiorum*. Nesse documento a aprendizagem do Latim era considerada fundamental, e a prática teatral servia esse propósito maior.

Acerca da integração do teatro no quotidiano dos colégios da companhia de Jesus, Aires Nascimento² destaca uma carta escrita por Luís da Cruz, em 1604, ao seu editor, Horácio Cardónio, em que menciona os efeitos benfazejos da mesma, que compreendem desde fomentar o estudo, enriquecer e animar as instituições até promover a piedade e a cultura.

Desse repertório escolar, destaca-se a figura de S. Francisco Xavier, que chega a Portugal em 1540 e no ano seguinte parte para a Índia. Desembarca em Goa, em 1542, passando depois por Malaca e Molucas, chegando ao Japão em 1549. Morre em 1552, na ilha de Sanchoão, quando se preparava para entrar na China. Apóstolo do Oriente e das missões, taumaturgo, dedicou-se à evangelização ao serviço da Companhia de Jesus, da qual era co-fundador com Inácio de Loyola. A sua vida exemplar foi, no século seguinte, assunto de, pelo menos, duas acções teatrais descritas em dois impressos, conservados na Biblioteca Nacional de Portugal, testemunhando o papel cultural do Colégio de Santo Antão em Lisboa: “Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Província de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira,” de 1622³,

¹ LINO, Raul, SILVEIRA, Luís (Orgs.) **Documentos para a História da Arte em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

² NASCIMENTO, Aires A., BARBOSA, Manuel de Sousa (Orgs). Luís da Cruz, S.J., e o teatro jesuítico nos seus primórdios: **Actas de Colóquio comemorativo do IV centenário da morte do dramaturgo (1604-2004)**. Lisboa, Faculdade de Letras, 18 de Outubro de 2004, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2005, p. 16

³ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Província de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>

e “S. Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente” (L. 1749//3 V.), de 1692.⁴ Sabe-se, ainda, que em 1620, por altura da sua beatificação, a Companhia de Jesus também organizara festejos, que, dessa feita, se circunscreveram a Lisboa.⁵

A documentação recolhida não contém o texto dito, as falas que os actores proferiram. Integra, todavia, a componente cénica do espectáculo, fazendo dela memória. Música, dança, figuras, algumas alegóricas, densamente caracterizadas por ricos trajos e adereços, impressionam visualmente, compondo um espectáculo grandioso no espaço bidimensional da página. Os actores foram os próprios estudantes. Acedemos, pois, no primeiro caso, a uma descrição algo pormenorizada daquilo que um espectador reteve e acha merecedor de divulgação e, no segundo, a um resumo da intriga, dividido em argumento, actos e cenas, que também pertence à história do teatro.

Através da leitura destes relatos, tentaremos inferir perspectivas do Oriente e o conhecimento de causa, ou ausência dele, que as secunda. Para além do Oriente a evangelizar, talvez se veicule o interesse e a curiosidade por um mundo novo.

RELAÇÕES DAS SUMPTUOSAS FESTAS [...]

Em 1622, sai à luz “Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira”, publicado em Lisboa. Como o título indica, descrevem-se, em português, os festejos realizados pela Companhia de Jesus, em território nacional, no âmbito da canonização de S. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier, ocorrida a 12 de Março de 1622, por iniciativa do Papa Gregório XV. A nossa leitura centrar-se-á, em particular, nas celebrações levadas a cabo pelo Colégio de Santo Antão, entre os dias 5 e 7 de Agosto desse ano.

⁴ **São Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente**, Lisboa, [s.i.], 1692.

⁵ Trata-se de outro impresso da Biblioteca Nacional de Portugal, com a cota F.G. 1192: “Relaçam das festas que a religiam da Companhia de Jesus fez em a cidade de Lisboa, na beatificaçam do Beato P. Francisco de Xavier”, Lisboa, na oficina de João Rodrigues, 1621. No ano anterior, já havia saído à luz pelo mesmo impressor “Relacion de la real tragicomedia con que los padres de la Compañia de Jesus en su Colegio de S. Anton de Lisboa recibieron a la magestad católica de Felipe II de Portugal”, impresso também conservado na Biblioteca Nacional de Portugal.

O Colégio de Santo Antão era centro de uma considerável e frequente actividade teatral, e neste impresso a ela se alude:

A tarde se festejou com alguns disfarces graciosos, que fizeram os estudantes do colégio de Santo Antão, que para festejar têm particular graça e habilidade, como se verá abaixo, em seu lugar.⁶

É especialmente curiosa a descrição que diz respeito à divulgação da canonização pelas ruas da cidade de Lisboa, a chamada “posta de correos”, que envolvia trajo a rigor, maletas de veludo, décimas e oitavas dedicadas ao assunto, uma trombeta e, pelo menos, a reconhecível figura da Fama:

Foi tão grande a alegria com que os padres e irmãos deste colégio receberam as novas da canonização dos gloriosos Santo Inácio, seu patriarca, e de S. Francisco Xavier, apóstolo da Índia Oriental, que o que dela transbordou bastou para encher as vontades de mil e oitocentos estudantes, que nele continuam seus estudos, os quais querendo começar a da[r] mostras da grande alegria que em seus peitos tinham recolhida, ordenaram logo uma posta de correos (invenção mui gabada e festejada), que fosse pela cidade, comunicando a todos estas alegres novas. Para isto, se vestiram uns poucos de caminho, mas com toda a riqueza que naquele trajo pode caber de centilhos de diamantes, botas de joelheiras, voltas de rendas muito ricas, espadas, adagas, esporas e estribos dourados, e com tantos alamares d’ouro, que escassamente se via a cor do pano, maletas de veludo, e com uma trombeta bastarda diante e com a Fama detrás riquissimamente vestida, tomaram a posta por meio da cidade, indo pelas ruas principais, espalhando décimas e oitavas (que logo poremos), que continham a matéria de suas alegrias; apearam-se no Paço, falaram com os senhores governadores, que receberam as novas com tanto gosto, como se aquela fora a primeira vez que as souberam; o mesmo fizeram em casa de [a]lguns titulares, com semelhante sucesso.⁷

Na sexta-feira, 5 de Agosto, depois da uma da tarde, começou a sair do pátio dos estudos, o “Aplauso geral que a cidade de Lisboa fez à canonização de Santo Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier, no qual celebra suas excelências e virtudes, por meio de alguns santos seus naturais e outros que por razões particulares venera”. Este Aplauso foi o momento mais alto das comemorações do Colégio de Santo Antão, tendo percorrido as ruas de Lisboa e sido presenciado por grande número de gente, vinda também de fora da cidade. Para que se entenda de forma mais directa a maquinaria

⁶ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>. p. 10.

⁷ Ibid. p. 13.

envolvida neste espectáculo volante, destacamos a prática de “teatro armado sobre carroça”, através da explicitação da arquitectura destes palcos móveis:

Seguia-se um teatro armado sobre uma carroça de vinte palmos de comprido, dez de largo e oito de alto, cercado com varandas de balaustes, pintados de roxo (cor da penitência), cobria a queda até o chão um fraldão de pano pintado, com tarjas, frutas, flores e outras paisagens mui graciosas; esta mesma grandeza e ornato tinham os outros cinco teatros, de que ao diante trataremos, só variavam nas cores dos balaustes que eram conformes aos dos carros a quem seguiam.⁸

Estes carros eram compostos, pelo menos, por dois níveis, o superior e o inferior, o qual era, por sua vez, denominado “praça do carro”.

O Aplauso geral é dividido em oito aplausos particulares, representando cada um dom ou virtude dos santos em apreço:

No primeiro, a grande penitência que os santos fizeram; no segundo, o abrasado zelo das almas em que arderam; no terceiro a pureza angélica que guardaram; no quarto, o espírito de sua oração; no quinto, o dom de seus milagres; no sexto, a excelência de sua sabedoria; no sétimo, o benefício incomparável do santíssimo nome de Jesu dado pelo céu; no oitavo, a glória de sua canonização, que por tam singulares virtudes alcançaram⁹ (fl. 16).

Ideologicamente, importa chamar a atenção para a destrição introduzida entre a terra do mouro e outras partes do mundo, nomeadamente o Oriente. Assim, logo no primeiro Aplauso, pode ler-se a descrição do lado esquerdo de um carro triunfal dedicado a S. Francisco Xavier:

No lado esquerdo consagrado (como em todos os outros carros) a S. Francisco, respondia outro painel semelhante, que tinha pintado no meio ao santo, fazendo penitência em uma ilha cheia de cobras e serpentes peçonhentas, e representava a do Moro, onde ele fez mui rigorosa penitência.¹⁰

Esta ilha não é o Oriente, mas sim a terra do pertinaz infiel, que se rebelava contra a verdadeira religião, o que significa, por outras palavras, que, embora houvesse mouros no Oriente, a maior parte da população desejava, supostamente, abraçar a verdadeira fé, a cristã, e, por essa razão, formava a paisagem dominante de um Oriente

⁸ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>. p. 18 - 19.

⁹ Ibid. p. 16.

¹⁰ Ibid. p. 20

beneplácito. Na verdade, “as quatro partes do mundo” encontravam-se muito agradecidas pelos benefícios que os portugueses e a sua religião lhes haviam trazido. O teatro figurou-as em aves representativas da fauna de cada uma delas e o relato fornece-nos ainda indicações sobre a sua apresentação; embora grandiosas, eram leves, movendo-se com destreza, por acção de um homem que ia dentro de cada uma:

As quatro partes do mundo para se mostrarem agradecidas aos grandes benefícios, que por meio deste zelo receberam, não só fizeram o célebre acompanhamento que logo veremos, mas também ordenaram uma fermosa dança de aves, que com suas mudanças fossem alegrando a todos, para a qual deu Europa duas águias, Ásia dous pavões, América dous papagaios e África uma ema, que guiava a dança, fazendo o som dous bugios com viola e pandeiro. Eram estas aves muito leves a respeito da grandeza, e, por isso, um homem que ia metido em cada uma as meneava com facilidade, dançando com tanto aplauso do povo que nenhuma cousa receberam com maior alegria.¹¹

Destes festejos, que percorreram as ruas de Lisboa, constavam carros triunfais, danças (chacotas, nomeadamente), folias e outras músicas (tambores, pandeiros, charamelas, harpas e sestros), máscaras, painéis e muitas figuras; as vestes eram riquíssimas pelos tecidos e pedraria empregues, um conjunto tão majestoso que suscitou o arrebatamento dos sentidos, a par, segundo o narrador, com a inevitável turvação do entendimento, a todos quantos o presenciaram:

...é cousa certíssima e notada por pessoas de muita autoridade que a multidão das figuras, a variedade dos trajos, a riqueza dos vestidos, o resplendor do ouro, o lustre da pedraria, a grandeza das máquinas, arquitectura dos carros, a pintura dos painéis, a novidade das danças, a suavidade da música, tiveram tam ocupados os sentidos que não deram lugar ao entendimento, para notar e compreender o de mais estima, que foi a traça e desenho da obra, e a proporção e correspondência que as partes com o todo e entre si guardaram.¹²

Contudo, para o narrador, os aspectos do espectáculo que mais devem ser valorizados são o plástico, a coesão (temática) entre as partes e o todo, e o equilíbrio que as primeiras denotavam entre si. Com efeito, trata-se de um espectáculo longo, subdividido em oito partes, com duração de três dias, que se revela no impacto visual que logra conseguir à sua passagem.

¹¹ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>. p 21 - 22.

¹² Ibid. p. 15.

A Ásia surge, no segundo Aplauso, representada por cinco províncias – Índia, Arábia, Mogor, China e Japão. As duas últimas vestiam quimonos de seda, usavam leques e tinham catanas a tiracolo; em relação às restantes, só é referido que a sua caracterização fazia jus às riquezas orientais. Mas a própria descrição da Ásia, terceira parte do mundo a surgir em cena, é digna de nota, sobretudo pela riqueza visual que comporta:

Seguia-se uma grande torre (que assi se pode chamar à abada sobre que vinha Ásia, terceira parte do mundo), em cujas costas se levantava uma cadeira em que assentava a figura vestida ricamente de azul, com passamanes de ouro, peito de cetim vermelho, alardeado com espeguilha de ouro; trunfa da mesma seda e feitio, sobre cabeleiras e volantes de prata; meias de seda acabeladas, manto de volante de prata. Ornavam o peito um penacho, duas cruces, duas rosas e um triângulo de diamantes, peças de muito valor, para que não conte a mais pedraria que levava assi nele, como na cabeça; na testa apertador de diamantes com rosa no meio, fios de pérolas e gargantilhas no pescoço, cachos de pérolas nas orelhas, cinto de pedraria; enfim, figura que dizia bem com a riqueza de Ásia, que representava. Na mão um grande pau de canela, com ramo de folhas da mesma árvore muito bem imitado.¹³

No quinto Aplauso há uma dança para celebrar e, ao mesmo tempo, relembrar as cidades, em que os santos tinham feito milagres: Roma, Paris, Barcelona, Goa, Malaca e Cogoxima, no Japão, com as respectivas divisas, competem entre si acerca da grandiosidade dos milagres de que foram testemunhas, ao som de uma harpa e duas violas. Ainda neste aplauso, chamamos a atenção para um painel do lado esquerdo de um carro triunfal, representando S. Francisco a ressuscitar uma mulher e uma criança:

No outro lado, estava também pintado Sam Francisco ressuscitando uma japoia morta e um minino morto, que acabavam de tirar de um poço onde caíra. Letra: Mortui resurgunt, Mateus II; Os mortos ressuscitam.¹⁴

¹³ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>. p. 23

¹⁴ Ibid. p. 32

Esta imagem do santo pode ser directamente relacionada com o quadro de André Reinoso (activo entre 1610 e 1641)¹⁵, intitulado **Milagre de S. Francisco Xavier** (Cf. imagem 1), de 1619, na Igreja de São Roque, da Companhia de Jesus:



REINOSO, André. **Milagre de S. Francisco Xavier**, 1619. Igreja de São Roque, da Companhia de Jesus

Aqui se vê S. Francisco Xavier, com uma auréola, em pé, rodeado de orientais, alguns com as mãos em prece, a olhar, ligeiramente inclinado, para uma cova. Na mão direita segura um livro, certamente o Evangelho, e a mão esquerda faz o sinal da cruz, como forma de bênção.

Do conjunto de informações associadas ao Oriente, no excerto em análise, percebe-se um conhecimento da fauna (pavões), da flora (pau de canela) da geografia (províncias e cidades) e dos hábitos culturais (quimonos e leques), o que permite ao espectáculo obter um efeito de verosimilhança, através do qual o Oriente se qualifica como “parte do mundo” ‘real’. Adicionalmente, é, também, perspectivado como terra ansiosa de Sol, sendo S. Francisco “O Sol do Oriente”. Na verdade, a dura luta de S. Francisco é contra o infiel que insiste em assumir-se como tal. A missão evangélica do santo é vista como mais uma vertente do poder ultramarino da nação portuguesa, em relação à qual Lisboa é eleita como a parte que designa o todo, e que subjuga o próprio

¹⁵ Os quadros de André Reinoso dedicados à vida de S. Francisco Xavier, na sacristia da Igreja de São Roque, já foram alvo de estudo aturado por Vítor Serrão em SERRÃO, Vítor. **A Lenda de São Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso**, Lisboa, Livros Quetzal, 1993.

oceano “[...] do Oceano que sempre lhe rendeu vassalagem”.¹⁶ Assim, é referida a propósito do prelúdio do Aplauso:

Era o extremo e remate deste prelúdio, a famosa cidade de Lisboa, extremo de graça e riquezas, que para mostrar como em cento e vinte anos que tinha do senhorio da Índia, sempre fora tesoureira e senhora de toda a riqueza oriental, estendeu sobre si o mais fino [d]a pedraria do Oriente.¹⁷

Para além do sentido evangélico e missionário, pensamos que este tipo de representação se enquadra ideologicamente na valorização dos feitos nacionais pré-restauração, no sentido do que defende Camões (2010) para o teatro do século XVII, de autores portugueses, ao alardear com todo o fausto possível o verso de **Os Lusíadas**¹⁸ “Novos mundos ao mundo irão mostrando”.

S. FRANCISCO XAVIER, APÓSTOLO DO ORIENTE

Em Lisboa, no ano de 1692, é editado “São Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente”, uma iniciativa teatral levada a cabo “pelos estudiosos alunos do Real Colégio de S. Antão da Companhia de Jesu”, em Lisboa, que consiste na apresentação em cena da actividade evangelizadora de S. Francisco Xavier no Oriente, nomeadamente no Japão, e os esforços por si envidados no sentido de a estender à China. Trata-se de um espectáculo em cinco actos, não existindo no impresso qualquer referência à filiação num género teatral: o primeiro composto por quatro cenas, o segundo por três, o terceiro por seis, e o quarto e quinto também por três. O argumento e uma sinopse de cada cena surgem em Latim e Português. É dedicado a D. Maria Sofia Isabel (1666-1699), segunda mulher de D. Pedro II, conhecida pela sua devoção e acção caritativa, e representado, talvez, no pátio do Colégio de Santo Antão, com a própria a assistir.

A sequência de cenas introduz a Idolatria, inimiga mortal da Fé cristã, contra a qual nenhuma trégua é possível. Na última cena do segundo acto pode ler-se: “Vendo a Idolatria ao Santo elevado em êxtase o determina matar, Xavier, porém, despertando a obriga a fugir”. Assim, a Idolatria está ligada aos vícios; a Fé, em contrapartida, mune-

¹⁶ Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus da Provincia de Portugal celebrou a canonização de S. Inácio de Loyola, e S. Francisco Xavier nas Casas, e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre, e nas ilhas da Madeira, e Terceira, Lisboa, Livraria de Alcobaça, 1622. Disponível em <http://purl.pt/17283>., p. 16

¹⁷ Ibid., p. 18 - 19

¹⁸ CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**.

se do zelo das almas, do amor divino e vive rodeada de virtudes, uma série de personagens alegóricas que decorre da necessidade de representar materialmente a “milícia” da espiritualidade. É preciso libertar o Oriente da Idolatria, nomeadamente a China, e essa é a missão da Companhia de Jesus, como mais à frente, na cena segunda do acto quarto, se explicita:

É avisado em sonhos de seu vizinho trânsito e também da ruína da Idolatria, que nos tempos vindouros seria desterrada da China pela companhia de Jesu: o que tudo se lhe representa por figuras.¹⁹

No acto terceiro, na cena quinta, mesmo antes de partir para a China, S. Francisco Xavier persiste na acção doutrinária, agora junto das crianças, recomendando-lhes que rejeitem os ídolos e repartindo prémios. Convocamos, a este propósito, mais uma vez, a obra plástica de André Reinoso, nomeadamente o quadro **Pregação de S. Francisco Xavier** (Cf. imagem 2), como o anterior, também de 1619 e na Igreja de São Roque:



REINOSO, André. **Pregação de S. Francisco Xavier**. 1619. Igreja de São Roque

Neste vê-se o santo a pregar para um grupo de orientais, do qual se destaca, em primeiro plano, uma roda de crianças, que o ouvem atentamente, à excepção de duas, que são prontamente repreendidas por uma figura feminina, com um bebé ao colo.

O quarto acto espelha quer o desalento do santo por se ver abandonado pelo seu hóspede e pelo seu intérprete, que o tinham prometido acompanhar, quer a consolação de uma morte próxima, a propósito da qual, na segunda cena, “o seu Anjo Custódio e o Anjo tutelar da China litigam entre si”. A morte de S. Francisco, já no

¹⁹ São Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente. Lisboa, 1692.

quinto acto, em “amoroso delírio”, não nos permite chegar a uma conclusão acerca do anjo vencedor, proporcionando, desta forma, mais um epílogo às relações entre Oriente e Ocidente e deixando, também, em aberto o caminho de missionação a trilhar na China pela Companhia de Jesus.

A música também não está ausente da obra, pois às cenas do coro correspondem momentos musicados, como já foi assinalado para o teatro de Luís da Cruz e Miguel Venegas²⁰. Deste modo, na sinopse da cena terceira do terceiro acto, pode ler-se: “Ao compasso da música se levanta no teatro um altar aos deuses”.

S. Francisco Xavier inscreve, pois, o Oriente como parte fundamental da memória hagiográfica que dele ficou, daí o epíteto de “Apóstolo do Oriente”. A redenção chegou ao Oriente pela figura do santo, incansável na luta contra os ídolos e, por isso, obsequiado com uma morte dulcíssima. A figura heroica neste teatro é, em primeira instância, o santo e, em segunda instância, a própria Companhia de Jesus, que dará seguimento à missão contra a Idolatria. A intriga exposta nesta descrição coincide com factos conhecidos da vida de S. Francisco, tal como são narrados, por exemplo, em “História da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesu”, da autoria do padre João de Lucena,²¹ também da Companhia de Jesus o que, à semelhança do constatado em relação à obra anterior, logra um efeito de verosimilhança histórica. De facto, há em diversas passagens um considerável paralelismo entre o texto da obra de 1600 e o da de 1692; neste âmbito, destacamos fragmentos relativos à morte de S. Francisco:

[...] determinou de o chamar, e levar a ele daqui de Sanchão, ao bem-aventurado prémio de tam santos intentos e tam bons serviços, que o nam tomou a morte de sobressalto, antes a viu vir de longe e chegar ao porto. De modo, que a podemos bem comparar, quanto a isto, com a de Moisés à entrada e vista da terra de promessa [...] ²² (p. 891).

Aqui finalmente entre afectuosos colóquios com Cristo crucificado, em uma ilha deserta, exposto à inclemência do frio, ao rigor do tempo, depois de tantos trabalhos, com os olhos e com o coração na China,

²⁰ NASCIMENTO, Aires A., BARBOSA, Manuel de Sousa (Orgs). Luís da Cruz, S.J., e o teatro jesuítico nos seus primórdios: **Actas de Colóquio comemorativo do IV centenário da morte do dramaturgo (1604-2004)**. Lisboa, Faculdade de Letras, 18 de Outubro de 2004, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2005.

²¹ LUCENA, João de. **História da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesu**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600. Disponível em <http://purl.pt/14775>

²² Ibid., p. 891

qual outro Moisés à vista da terra de promessa, morre o Apóstolo da Índia deixando sua memória imortal.²³

A caracterização do Oriente nas duas obras apresentadas não deixa de ser simplista, uma vez que poucos traços específicos da sua cultura, situação geográfica, etc., são veiculados, assumindo-se, sobretudo, como mais um desejável prolongamento do território cristão. A Idolatria acaba por uniformizar uma mescla de culturas que é preciso salvar e pôr no devido caminho. Índia, Japão e China são partes indistintas desse todo. Apesar disso, finda a leitura, permanece a memória de um Oriente já não tão distante, tangível pela riqueza e exotismo.



www.revistafenix.pro.br

ARTIGO RECEBIDO EM 07 DE FEVEREIRO DE 2012. APROVADO EM 15 DE JULHO DE 2012

²³ São Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente. Lisboa, 1692.